

Índice

9	Nota editorial
11	Prefácio <i>Rita Alcaire</i>
15	Nota do <i>encenaturgo</i> <i>iMaculada</i>
23	PÍ LU LA
29	Genitora única
43	Acidente?
55	Esquecimento
67	Agradecimento
75	Coincidência
83	Impossível
89	Medo
99	Festa



Nota editorial

A coleção Marionet é um espaço editorial de peças de teatro produzidas pela companhia com o mesmo nome. Na altura em que se inicia este projeto editorial, esta conta já com um percurso de 24 anos, mais de 50 produções teatrais originais e um avultado número de textos da sua autoria, escritos propositalmente para serem por si levados a cena.

Com esta coleção, pretende-se, sobretudo, contribuir para alguma permanência da arte efêmera que é o teatro e, em particular, do trabalho criativo desta companhia que, quase desde a sua génese, se empenha em cruzar teatro e ciência(s). Quer-se, então, dar um corpo permanente às palavras que voaram nos muitos palcos que a Marionet pisou.

A coleção começa com uma série de textos recentes que se enquadram tematicamente no campo das Ciências da Saúde. Todos eles, assim como os espetáculos a que pertenceram, tiveram por base, na sua criação, entrevistas realizadas a doentes e profissionais de saúde.

iMaculada, o segundo texto desta coleção, aborda o tema da contraceção e integrou o espetáculo homónimo, estreado a 25 de outubro de 2023, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra. Esta produção da Marionet assinalou os 100 anos de nascimento de Carl Djerassi, que já foi cognominado de *pai da pílula*.

Prefácio

iMaculada não é apenas um texto teatral: é uma convocação. Convoca-nos a escutar os dilemas íntimos de personagens atravessadas por memórias familiares, escolhas reprodutivas e estruturas de poder que moldam o que é permitido desejar, cuidar ou interromper. Com diálogos que oscilam entre o banal quotidiano e o abismo emocional, a peça instala-se num espaço tenso entre a renúncia, a dúvida, o amor e a ausência.

Cada palavra carrega o peso das escolhas que herdámos e das ruturas que, por vezes, mal conseguimos nomear, quanto mais imaginar. No centro deste dispositivo cénico, está uma experiência de parentalidade como tentativa de fazer sentido de tudo isso. Uma parentalidade que não é naturalizada, um amor que não é romantizado, e uma reprodução que não é tratada como destino. Em vez disso, tudo se torna matéria de conflito e criação: a pílula, a medicina, a religião, a memória, o aborto, o corpo.

O que significa gerar uma vida? O que significa recusar gerar? Que lugar ocupa o desejo numa sociedade que insiste em prescrever papéis de género, funções parentais, vocações afetivas? Como escutar quem não quis ou não pôde, quem hesitou, quem falhou ou, simplesmente, não correspondeu? São perguntas que nos inquietam — ou deviam inquietar-nos.

Num país onde a contraceção foi, durante décadas, um privilégio clandestino ou financeiramente inacessível, e onde

a sexualidade feminina tem sido marcada por culpa e silêncio, *iMaculada* inscreve-se numa linhagem crítica que liga a esfera privada às lutas políticas. Abre espaços de desconforto e interrogação, onde cada escolha reprodutiva, cada ato de cuidado, cada gesto de resistência aparece tão singular como estrutural. Dá a ver como o corpo permanece um território em disputa, vigiado por instituições que se infiltram nos gestos mais íntimos: da experiência vivida à idade marcada no calendário, da cama à consulta médica, da missa à mesa da refeição.

iMaculada pede-nos mais do que empatia: pede escuta, responsabilidade, e atenção às camadas de complexidade que atravessam o cuidado, o amor e a autonomia. Não oferece respostas fáceis, nem se rende à moralização. Lembra-nos, com firmeza e sensibilidade, que toda a decisão sobre um corpo é sempre uma decisão sobre o mundo.

Em vez de nos conduzir à catarse, deixa-nos com perguntas abertas. Mexe com as vozes que habitam as nossas próprias memórias e decisões. E mobiliza a urgência, que já nos inquietava, de imaginar outras formas de viver, e de interromper, o ciclo.

Rita Alcaire,
Antropóloga



Nota do *encenaturgo*

O primeiro contraceptivo feminino de ingestão oral, Enovid, criado e distribuído nos Estados Unidos desde 1960, revolucionou o conceito de sexualidade. A pílula é considerada uma das mais importantes contribuições científicas do século XX e comumente associada a uma libertação feminina do jugo da maternidade forçada. Passadas seis décadas sobre a sua invenção, será que este desenvolvimento tecnológico representa, hoje, uma libertação para as mulheres? Tida por algumas pessoas como a mãe da revolução sexual, a pílula tem sido disputada quanto à sua paternidade. Porquê esta necessidade de encontrar um pai?

iMaculada reflete sobre os modos como a pílula é percebida, como é utilizada, as transformações sociais que acarretou. No contexto em que vivemos, ao discutirmos assuntos como estes, relacionados com sexualidade, atravessamos um terreno ainda pouco esclarecido e povoado de dúvidas, mitos e inibições. A intenção, com este espetáculo, foi a de criar um espaço aberto ao questionamento e à reflexão.

O texto da peça foi escrito, essencialmente, durante o período de ensaios. Beneficiou enormemente, por isso, da pesquisa e discussões realizadas com a equipa do espetáculo. Este é um processo de criação que traz algumas vantagens: o texto reflete visões múltiplas sobre os assuntos abordados; as personagens tiram partido das características das/dos

intérpretes; e as falas são testadas (e aperfeiçoadas) em ensaio. Nunca é demais assinalar a importância desta partilha coletiva — reflete-se na coerência e abertura do texto final.

Algo que tenho vindo a fazer, quando no papel de dramaturgo, é escrever as falas nos diálogos sem indicar quem as profere, e entregar o texto assim às/aos intérpretes. Agrada-me a procura das falas das suas personagens, testando e abrindo novas possibilidades de enunciação dos diálogos. É frequente, e aconteceu nesta peça, determinadas falas serem ditas por personagens diferentes daquelas que eu tinha inicialmente imaginado ao escrever o texto. Este expandir de possibilidades de interpretação, no primeiro embate com os atores e atrizes, enriquece-o, criando circunstâncias que não tinham por mim sido ponderadas.

Neste trabalho, acumulei a escrita do texto com a encenação. O trabalho de encenação, no modo como o pratico, assume a característica fundamental do teatro enquanto arte coletiva e, como tal, deixa o espaço e bebe muitíssimo das contribuições de toda a gente envolvida na criação, desde as/os intérpretes às pessoas responsáveis pela imagem, cenografia, pelos figurinos, pela iluminação, pelo vídeo, pela banda sonora, produção e comunicação.

Embora nem sempre seja fácil, procuro separar o dramaturgo do encenador, trabalhando o texto, quando nesta segunda função, como material maleável, aberto a transformações que sirvam o espetáculo.

De uma perspetiva global, a ideia de progressão está impressa na estrutura da peça. A ideia de jogo também orientou, de modo explícito, o trabalho de encenação e

interpretação. Em palco, a comunicação teatral resulta de um conjunto de experiências cénicas que se desenvolvem a partir de propostas de interação entre personagens sugeridas pelas/os intérpretes, que se vão influenciando mutuamente, e que constroem possibilidades em torno dos temas discutidos. Partindo do mote inicial da pílula feminina, os temas alastraram-se, durante o processo de criação, às questões de conceção e contraceção, sexualidade, reprodução e parentalidade.

A relevância social e a proximidade que sentimos existir entre os assuntos que abordamos e as vidas das pessoas que assistem à peça influenciaram a sua organização espacial, sobretudo na aproximação do público com a cena. A encenação procurou envolver numa reflexão comum, em palco, as pessoas que participam em cada apresentação da peça, sublinhando, assim, a ideia de que, nestes como em outros assuntos, estamos todas/os implicadas/os.

A determinada altura, há uma voz que afirma: «Deviam inventar uma pílula para impedir as mulheres de pensar.» E refletir sobre isso, agora, deixa-me a ponderar que o teatro é uma espécie de pílula inventada para incentivar as pessoas a pensar.

É uma pílula destas que vos oferecemos, esperando que seja eficaz.

iMaculada

estreou em Coimbra, no Teatro Académico de Gil Vicente,
a 25 de outubro de 2023, numa coprodução
entre a Marionet e o Teatro Académico de Gil Vicente.

DISCUSSÃO E IDEIAS

Carolina Costa Andrade, Francisca Moreira,
Guilherme Pompeu, Inês Dias, Laetitia Moraes, Marcelo dos Reis,
Mário Montenegro, Pedro Andrade, Pedro Lamas, Sílvia Santos,
Sofia Hora Marques, Vicente Paredes

TEXTO E ENCENAÇÃO

Mário Montenegro

INTERPRETAÇÃO

Inês Dias, Pedro Lamas, Sílvia Santos, Sofia Hora Marques

DIREÇÃO TÉCNICA E ILUMINAÇÃO

Guilherme Pompeu

MÚSICA

Marcelo dos Reis

CENOGRAFIA E IMAGEM

Pedro Andrade

APOIO GRÁFICO

Joana Corker

FIGURINOS

Carolina Costa Andrade

VÍDEO

Laetitia Moraes

PENTEADOS

Carlos Gago — Ilídio Design Cabeleireiros

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Francisca Moreira

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Carolina Costa Andrade, Vicente Paredes

COMUNICAÇÃO

Carolina Costa Andrade, Ricardo Jerónimo

VÍDEO PROMOCIONAL

Tiago Cerveira

FOTOGRAFIA

Francisca Moreira

REGISTO DE VÍDEO

João Cunha

COPRODUÇÃO

Marionet

Teatro Académico de Gil Vicente

APOIO

Associação Existências

República Portuguesa — Cultura / Direção-Geral das Artes

Convento São Francisco / Câmara Municipal de Coimbra

MAFIA — Federação Cultural de Coimbra

Ilídio Design Cabeleireiros

Rádio Universidade de Coimbra

Antena 2